



NOVÍSSIMAS CRÓNICAS DA BOCA DO INFERNO

RICARDO ARAÚJO PEREIRA

NOVÍSSIMAS
CRÓNICAS
DA
BOCA DO INFERNO



Ilustrações de
JOÃO FAZENDA

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMXIII

ÍNDICE

© 2013, Ricardo Araújo Pereira
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/29 /30
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Novíssimas Crónicas da Boca do Inferno*
Autor: Ricardo Araújo Pereira
Ilustrações: João Fazenda
Revisão: Tinta-da-china
Capa e composição: Tinta-da-china
Ilustração da capa: João Fazenda

1.ª edição: Outubro de 2013
ISBN 978-989-671-178-8
Depósito Legal n.º ??????/10

As crónicas de *Novíssimas Crónicas da Boca do Inferno*
foram publicadas na revista *Visão*
entre 2009 e 2013.

- 15 Política pop
- 17 Portugal, rabejador da Europa
- 19 Sobreviver à doença, escapar da cura
- 21 Armando Vara na vara criminal
- 23 A argamassa alegórica dos muros metafóricos
- 25 Diz-me a quem telefonas,
dir-te-ei quantas certidões terás na PGR
- 27 Escândalos: vantagens e vantagens ainda maiores
- 29 Isto precisa é de um referendo em cada esquina
- 32 Eu, o *centerfold*
- 34 Balanço de uma década
- 37 A secessão do Red Bull
- 39 Paz e amor para todos menos para mim
- 41 Feliz *annus horribilis*, Portugal
- 43 O Partido Impopular Monárquico
- 46 Esclarecer o que nunca existiu
com explicações que não explicam nada
- 48 Uma pandemia da China
- 50 Eles comem tudo, desde que não tenha alho
- 52 Liberdade de pressão
- 54 O sexto sentido do Estado
- 56 Dizer que é irritante dizer

- 58 A maior e melhor novela da TVI
- 60 O PEC peca por parco
- 62 Vidal Gorbachev Sasson
- 64 Acerca da repercussão política de rabos e recibos verdes
- 66 Mais um escândalo para a colecção
- 68 Eis o flagelo do Eyjafjalla
- 71 Este país não é para corruptos
- 73 O país mais cristão do mundo
- 75 Treinar como Jesus treinou
- 77 Movimento «uma *playmate* em cada turma»
- 79 Agora sem nada nos bolsos!
- 81 Hannah Montana: um estudo
- 83 Um mundo de coisas que não são o que dizem ser
- 85 A ululante vuvuzela chachateia
- 88 O presidente de todos os ressentidos
- 90 Boas férias (sem ironia)
- 92 O que há num Sócrates
- 94 Portugal é fogo que arde sem se prever
- 97 Eu sou sincero: não aprecio sinceridade
- 99 A ciganice de Sarkozy
- 101 Uma bugiganga para o século XXI
- 103 Homenagem ao candidato desconhecido
- 105 *We all live in an expensive submarine*
- 107 A pureza do dirigismo federativo
- 109 O namoro à moda antiga na política à moda moderna
- 111 O Sr. deputado Tiririca pede a palavra para defesa da honra
- 113 *I love you*, música portuguesa
- 115 A Factura Geral do Estado
- 117 Ao salvamento! Mercados e crianças primeiro
- 119 Um acordo para a fotografia
- 121 Foram não sei quantos mil cineastas que tombaram pelo Chile
- 123 Ou isto ou exactamente o contrário
- 125 *A Princesa*, de Maquiavel
- 128 Mundo cão de água português
- 130 Mariquização: um problema da sociedade contemporânea
- 132 Natal *light* com 0% de açúcar
- 134 Política de Natal
- 136 Um fim do mundo de fins do mundo
- 138 A angústia do candidato no momento de declarar desonestidade
- 140 O comentador que não ousa dizer o seu nome
- 143 Presidenciais: um balanço linguístico
- 145 Sinonímia financeira
- 147 Mixórdia ideológica
- 149 Fragmentos de um discurso que era realmente amoroso
- 151 A má educação
- 153 O centro de saúde de Armando Vara
- 155 Da parvoíce
- 157 O golfe com desígnio nacional
- 159 Sensibilidade e bons sentidos
- 161 Apologia de Sócrates II
- 163 Os três porquinhos e o *subprime* mau
- 165 Partidos nunca, Alcochete jamais
- 167 A complexa iconoclastia de Otelo
- 169 Um casamento e um funeral, passe a redundância
- 171 O sempre surpreendente mundo
- 173 Em defesa das hastes queratinizadas da região frontal da pelve
- 175 O autor que pensava de menos

179 Nuvens negras
181 Sabes do Sócrates? Parece que está ótimo
183 Este é o melhor governo das últimas três semanas
185 Nossa senhora Merkel
187 O príncipe desencantado
189 É preciso não confundir liberalismo com libertinagem
191 Perdiz com alecrim e manjerona
193 A morte do artista
195 Ó tu que e-fumas
197 Política LOL
199 Aqueles bonecos azuis
201 A República Madeirense
e o Governo Regional do Continente
203 *Ceci n'est pas un riche*
205 Ponto da situação
207 Folhas de relvas
209 Panurgo está vivo e mora no Funchal
211 Contra o corte cego da consoante muda
214 Orgias sexuais repletas de sexo,
cópulas, coitos e fornicações
216 São Steve Jobs
218 Os décimos terceiros meses que paguem a crise
220 Um abraço para Cristiano Ronaldo
222 O princípio do fim daquela parte que fica no meio
224 Ficou o essencial
226 *A griffe* da fruta
228 Édipo e Teresa Guilherme: um estudo
230 Em memória do pórtico da A22
232 Subsídio para a compreensão de Portugal
234 Um país mais ou menos

236 As dificuldades difíceis de 2012
238 Só uma palavrinha
240 A nata da economia portuguesa
242 Da magistratura de influência
à magistratura de indecência
244 Bom dia. 174 pessoas gostam disto
246 Trocar os xailes negros pelas boinas negras
248 Tias de arremesso político
250 Aguentar como um homem a ressonância de Helmholtz
252 A abstenção violenta da oposição favorável
255 Apostas em políticas activas de criação de desemprego
257 O prefaciador implacável
259 O assassino favorito de Santa Comba Dão
261 Cacete ensina jornalismo gratuitamente
263 Perguntar ofende
265 Com o coração a cheirar a lixívia
267 Os elefantes que paguem a crise
269 *Otelo, o Revolucionário:*
recensão crítica da primeira página
271 Via verde ao peito a muitos fica bem
273 O túmulo da democracia
275 A utopia no bolso
277 Libertinagem de imprensa
279 Esperança gramatical
281 No tempo em que os jornais contavam
283 Se o resgate é isto, prefiro o sequestro
285 Contra os canhões rematar, rematar
287 A austeridade é como as cerejas
289 Florence Nightingale-a-dias
291 Igreja Universal do Reino do Empreendedorismo

- 293 O homem-lapso
- 295 Salvar Portugal à bruta
- 297 A culpa morre poliândrica
- 299 A algibeira é redonda
- 301 Portas ao poder, abaixo Portas
- 303 O governo enquanto maço de cigarras
- 305 E, quando nada o faria prever, um insulto
- 307 Miss Povo 2012
- 309 Austeridade e mariconeras: uma investigação
- 311 Contra a austeridade, calar, calar
- 313 Ontologia de Relvas
- 315 O fantasma do Cavaco passado
- 317 «Meus caros Portugiesisch»:
carta de Angela Merkel aos portugueses
- 319 Notas sobre finanças (e chimpanzés)
- 321 Para a compreensão da contestação vocal
- 323 20 anos de SMS: k balanço?
- 325 Um segurança tipo Serra
- 327 O semicavaco, um conceito ignorado
pela ciência política
- 329 Um mediano Natal e um ano novo
cheio de moderada felicidade
- 331 Andava um burlão em Portugal mas identificaram-no
- 333 O mundo não querará fazer o favor de estar quieto?
- 335 A Portela nunca aterrou no FMI
- 337 Em cada esquina um banqueiro
- 339 U omái qe dava pulus (i pōtapés na gueramática)
- 341 Matriosca de omissões
- 343 Precisa-se: evangelizador
- 345 Do cu enquanto agente político
- 347 Com uma letrinha apenas
- 349 Subtilezas político-humorísticas
- 351 Sacudir o sangue do capote
- 353 Carta aos 19%
- 355 Comente o seguinte país
- 357 Conta-me narrativas
- 359 Notas para um discurso no futuro próximo
- 361 Túnel ao fundo do túnel
- 363 Contra a mariquice política
- 365 Notas para a recordação do meu mestre Portas
- 367 Elogio da loucura
- 369 A identidade secreta do povo português
- 371 Da palhaçada
- 373 O injustamento português
- 375 O cão comeu-me o orçamento de Estado
- 377 Cartilha paternal
- 379 Subsídio para a história dos subsídios
- 381 Não percebi bem, mas acho que não aconteceu nada
- 384 Irrevogável é o que um homem quiser
- 386 Agora é que a salvação vai ser salvadora
- 388 A crise é à prova de crise
- 390 O impressionante contorcionismo económico



Política pop

A atribuição do prémio Nobel da Paz a Barack Obama é, evidentemente, absurda. É inconcebível que o recém-eleito presidente dos Estados Unidos tenha recebido o prémio Nobel. Especialmente, é inconcebível que o tenha recebido antes de vencer um Óscar, de ganhar a Bota de Ouro e de ser coroado Miss Portugal. Que se passa com a academia de Hollywood, a Liga de Futebol Profissional e o júri do popular concurso de beleza para não terem ainda premiado Barack Obama? Como é possível que o presidente esteja há quase um ano na Casa Branca e tenha vencido apenas um prémio Nobel? E logo o da Paz, que não exige qualquer mérito da parte do premiado — nem sequer o mérito de promover a paz, conforme se constata pelo facto de Henry Kissinger ter recebido o galardão em 1973. Porque não o da Literatura, se as suas autobiografias (as 23) estão escritas num estilo tão elegante e enxuto? Porque não o da Economia, o da Química ou o da Medicina? Pode perguntar-se: que fez ele para vencer o Nobel da Economia, da Química ou da Medicina? E pode responder-se: o mesmo que fez para ganhar o da Paz.

As candidaturas ao prémio Nobel da Paz são entregues em Fevereiro. Barack Obama tomou posse como presidente dos

Estados Unidos no final de Janeiro. Em duas ou três semanas, Obama agiu com suficiente mérito para ganhar o Nobel da Paz. Que fez ele? A resposta é clara: nada. Não ordenou retiradas, mas também não ordenou ataques. Não ordenou nada, o que já é bem bom. Um estadista que não faça nada tem, hoje, um valor inestimável. Há quem diga que o prémio foi atribuído a Obama como sinal de esperança no que o presidente americano poderá fazer de futuro. Sinceramente, não creio. Julgo que o comité norueguês atribuiu o prémio agora por uma questão de oportunidade: há que aproveitar enquanto é tempo. Normalmente, é uma questão de meses até o presidente dos Estados Unidos lançar o país numa guerra qualquer. É preciso premiá-lo enquanto não começa a re-bentar com coisas no Médio Oriente.

Por outro lado, é muito curioso que a atribuição do Nobel da Paz a Barack Obama tenha desencadeado uma série de comentários extremamente beligerantes. Raras vezes terá havido tanta discórdia a propósito da Paz. É mais um mérito de Obama: recebe prémios, promove discussões, agita o mundo. E tudo sem se mexer. Minto: há uns meses comprou um cão. Mas imaginem o que acontecerá quando ele começar mesmo a fazer coisas.



Portugal, rabejador da Europa

Quando eu nasci, Portugal estava na cauda da Europa. Veio o PREC, e Portugal continuou na cauda da Europa. Depois chegou alguma estabilidade, e aí Portugal continuou na cauda da Europa. Entrámos na CEE, e permanecemos na cauda da Europa. Vieram os governos de Cavaco Silva, mais os milhões comunitários, e — então sim — Portugal continuou na cauda da Europa. Nisto, o PS voltou ao poder. E Portugal manteve-se na cauda da Europa. A seguir, o PSD regressou ao governo. E Portugal na cauda da Europa. Depois, mais governos do PS até hoje. E Portugal firme na cauda da Europa. Onde fica Portugal? Na cauda da Europa. Não se sabe que bicho é a Europa, mas lá que tem uma cauda é garantido. E não há dúvidas nenhuma de que Portugal está nela sozinho.

Nem sempre foi assim. No princípio, Portugal estava na cauda da Europa acompanhado. Nos anos 70, Espanha estava taca a taca connosco na cauda. Ora valia mais o escudo, ora valia mais a peseta. Primeiro, nós íamos ao El Corte Inglés fazer compras baratas. Entretanto, o El Corte Inglés veio para cá fazer vendas caras. De repente, os espanhóis meteram uma abaixo e começaram a galgar pela Europa acima — e nós ficámos na cauda com a

Grécia. Nisto, os gregos também amarinharam. Abriu-se a União Europeia a países que estavam igualmente na cauda, como a Irlanda, e todos foram abandonando a cauda, a caminho, suponho, do lombo da Europa.

Como se explica este fenómeno da nossa longa estada na cauda da Europa? Creio que só pode ser uma opção. E, sendo uma opção, tem de ser estratégica. É muito raro uma opção não ser estratégica. Já tivemos vários governos e regimes, e todos, sem excepção, optaram por nos manter na cauda. Deve haver um plano. Outros países, que não têm coragem de permanecer na cauda, foram avançando para a garupa. É lá com eles. Mais fica de cauda para nós.

A verdade é que alguém tem de ficar na cauda. E, no que diz respeito a caudas de continentes, a estar nalguma, que seja na da Europa. Temos a experiência, o talento e, pelos vistos, a vocação para estar na cauda. Seria uma pena desperdiçar décadas e décadas de prática. Será sensato que um país com o tamanho do nosso se aventure para fora da cauda da Europa? É importante não esquecer que é com a cauda que se enxotam as moscas. E que a cauda consegue enxotar tudo, menos o que está na cauda. Os pessimistas dirão: temos o último lugar garantido. Os optimistas hão-de notar que, ao menos, é um lugar. Que está garantido. Já não é nada mau.



Sobreviver à doença, escapar da cura

Já se demitiram ministros por causa de anedotas relacionadas com a saúde pública portuguesa, mas isso não foi suficiente para que a saúde pública portuguesa deixasse de parecer uma boa anedota. Talvez seja útil fazer um pequeno resumo das últimas e intrigantes ocorrências no âmbito da nossa sempre divertida saúde. Primeiro, houve o pânico provocado pela gripe A. Agora, há o pânico provocado pela vacina contra a gripe A. A doença gera pânico; a cura gera ainda mais. O medo é tanto que eu tomaria uns calmantes, se não tivesse medo de os tomar. Bem disse o filósofo José Gil que os portugueses tinham medo de existir: entre deixar de existir, por causa da gripe, ou continuar a existir, graças à vacina, vacilamos. Na dúvida, receamos as duas. Não é fácil ser doente — e deve ser ainda mais difícil ser médico, ter de confortar o paciente quando contrai a doença e confortá-lo mais ainda enquanto se lhe administra a cura.

Visto de fora, desde que se descobriu o novo vírus da gripe, os portugueses passaram a correr para um lado gritando «Fujam, vem aí a doença!», e depois passaram a correr para o outro gritando «Fujam, vem aí a cura!». A fugir, estamos sempre. Só muda o perseguidor.

Qual é, afinal, o mais grave? O vírus da gripe ou o vírus da vacina? Até ver, são ambos relativamente inofensivos. Um é curado por profissionais de saúde, o outro é transmitido por profissionais de saúde. A gripe A é mais fraca do que a gripe vulgar e a vacina provoca os mesmos efeitos secundários que qualquer outra vacina. Nem a gripe nem a vacina são particularmente perigosas para o homem. No entanto, ambos os vírus são letais para o meio ambiente. Temo que não haja árvores suficientes para abastecer os jornais do papel necessário para todas as notícias, publicadas e por publicar, sobre os malefícios da gripe A e os ainda maiores malefícios da vacina da gripe A. Não admira: a toda a hora surgem novas informações. Receava-se que houvesse vacinas a menos. Agora, uma vez que ninguém as quer tomar, receia-se que sobejem. Também causa dano. Suspirou-se por uma vacina. Agora, suspira-se por uma vacina contra a vacina. A ciência que resolve este problema. Já começamos a habituar-nos ao pânico da vacina. Precisamos urgentemente de outra coisa relacionada com a gripe A para recear.



Armando Vara na vara criminal

O que se oferece a quem já tem tudo? Um cheque de dez mil euros é uma boa hipótese. Há ofertas que sabem sempre bem, e um cheque de dez mil euros é simultaneamente prático e elegante. É elegante por ser, no fundo, uma mensagem escrita num tempo em que as pessoas já não escrevem umas às outras, o que é desde logo comovente. É prático, porque ninguém se queixa de já ter um igual e, na hipótese remota de não gostar, trata-se de um presente que se pode trocar em qualquer altura. Nomeadamente, por bens no valor de dez mil euros.

Dito isto, e por muitos méritos que as hipotéticas ofertas de dez mil euros possam ter, é forçoso assinalar que o caso Face Oculta embaraça, e de que maneira, José Sócrates e o Partido Socialista. Ainda há pouco tempo, figuras importantes do PSD foram enredadas num escândalo que envolvia milhões desviados da banca. Quando militantes destacados do PS aparecem ligados a crimes, o melhor que conseguem é uma suspeita de pagamento ilícito de dez mil euros, levado a cabo por um sucateiro. De um lado, o *glamour* social-democrata da alta finança, das *off-shores*, dos grandes grupos económicos; do outro, a falta de estilo do ferro-velho e do lixo. Estamos perante corrupção pelintra, que é um

oximoro difícil de compreender: na origem da corrupção costuma estar a ganância. Aceitar subornos de dez mil euros ao mais alto nível é como ser depravado a dar beijinhos na testa.

Quando surgiu, o caso Face Oculta foi justamente recebido por todos com algum entusiasmo, pelo contributo que dava para desenjoar os portugueses dos escândalos do Freeport, do BPN, do BPP e dos submarinos, entre outros. Era um caso cujo processo seria interessante acompanhar, desde o momento inicial da investigação até ao dia em que, vários anos depois, uma prescrição ou um vício de forma acabasse por absolver todos os arguidos menos o mais pequenino. No entanto, quando começaram a ser conhecidos os pormenores, o caso passou de simpático a aflitivo. Se se confirma que administradores de grandes bancos recebem dez mil euros em troca de favores, quanto receberá, hoje em dia, um vereador corrupto, um administrativo gatuno, um vulgar funcionário vigarista? Eu sou do tempo em que fechar ilegalmente uma marquise custava mais do que dez mil euros só em luvas. O que está a acontecer ao meu país? Que os índices de desenvolvimento estagnem, ou até regridam, não me choca nem surpreende. É habitual. Mas que as actividades ilícitas andem, elas próprias, nas ruas da amargura, deixa-me deprimido. Falhar onde nunca fomos bons não é novidade; fraquejar onde sempre fomos grandes mói um bocadinho.



A argamassa alegórica dos muros metafóricos

As carinhosas irmãs vicentinas que me educaram até à quarta classe suportaram o meu ateísmo sem o mais pequeno queixume. E suportaram-me a mim com o mesmo silêncio, o que é ainda mais notável. O facto de não terem tentado sequer convencer-me a fazer ao menos o baptismo revela um respeito tão firme pela liberdade religiosa que chega a comover-me. Por outro lado, pode dar-se o caso de não terem querido oferecer um sacramento ao pecadorzinho pertinaz que, sem dúvida nenhuma, perceberam que estava ali a despontar. Também comove: senhoras que viviam em reclusão, com pouca experiência do mundo real, conseguiam mesmo assim topar um selvagem aos seis anos. Mas, mesmo não tendo desperdiçado proselitismo que lhes fazia falta para salvar almas mais merecedoras da salvação, ainda assim ensinaram-me canções religiosas. Esta semana, recordei uma que se chamava «Os muros vão cair».

É interessante quando certos pormenores da biografia do cronista se adequam ao tema tratado na crónica, não é? Ficamos com a sensação de que o tempo passa pelo mundo e pelo cronista do mesmo modo, que deixa em ambos a mesma marca e, sobretudo, que o mundo e o cronista têm a mesma importância, o que é

especialmente agradável. (Para o cronista. Para o mundo, é relativamente desprestigiante.) Por isso, sempre que posso invento um facto biográfico que se relacione com os principais acontecimentos da semana. Desta vez, não precisei de fazê-lo. As freiras ensinaram-me mesmo a música político-religiosa. «Os muros vão cair», que falava de muros metafóricos em geral para falar do muro de Berlim em particular.

A esta distância, constato que as vicentinas tinham duplamente razão: dez anos depois, o muro de Berlim caiu mesmo, e 20 anos depois da queda as metáforas sobre muros continuam pujantes. Quando, na passada segunda-feira, se comemorou o aniversário da queda do muro, ficou claro que as metáforas com muros estão para o muro de Berlim como a pergunta «Querias, já não quer?» está para os clientes dos cafés que, por educação, fazem o pedido no pretérito imperfeito. A queda do muro é uma efeméride que, ano após ano, ouve sempre as mesmas piadas. Todos, mas mesmo todos, os comentadores lembraram outros muros que, à semelhança do de Berlim, devemos derrubar. O muro da intolerância, o muro da injustiça ou o muro da desigualdade social foram alguns dos muros mais citados. E todos, mas mesmo todos, apontaram a seguir as pontes que devem ser construídas nas ruínas dos muros. A ponte da esperança e a ponte do entendimento entre os povos foram as duas infra-estruturas metafóricas mais referidas. Se juntarmos a estes muros e pontes as auto-estradas da informação, percebemos que as metáforas sobre obras públicas são, sem dúvida alguma, as mais populares do espaço público português. Somos um povo de construtores civis da metáfora, de patos-bravos da figura de estilo — o que não tem mal nenhum. Estou só a observar um fenómeno sem o julgar. Por favor, não me enfiem no túnel da incompreensão.



Diz-me a quem telefonas, dir-te-ei quantas certidões terás na PGR

Primeiro, foi a família. Dois ou três tios de José Sócrates, em estreita colaboração com quatro ou cinco primos, produziam declarações diárias que eram embaraçosas para o primeiro-ministro, além de serem muitas vezes embaraçosas para eles mesmos. Quase toda a gente que tinha relações de parentesco com José Sócrates falou à comunicação social a propósito do processo Freeport e confessou um envolvimento mais ou menos profundo no caso. Não houve primo em terceiro grau que não tivesse um dia almoçado com um vizinho de uma senhora que conhecia um amigo do *caddy* de Charles Smith que não tenha vindo revelar tudo para a imprensa. De repente, a própria mãe do primeiro-ministro apareceu envolvida num escândalo que, tendo embora menores proporções, conseguia, ainda assim, escandalizar.

A vida do chefe de governo deve deixar-lhe pouco tempo para a vida pessoal, mas, durante aqueles meses, sempre que o primeiro-ministro queria ver a família, bastava-lhe assistir ao telejornal da TVI. Deve ser reconfortante.

Agora, são os amigos. Armando Vara está metido em sarilhos, o que não deixa de ser surpreendente. Trata-se de um homem brilhante que, de acordo com a página do Millennium BCP na

internet, concluiu uma pós-graduação ainda antes de se licenciar. Pós-graduar-se sem antes se graduar constitui uma manobra académica que não está ao alcance de qualquer intelecto.

Mais: apesar de ter concluído a licenciatura já depois dos 50 anos, Vara ainda conseguiu chegar a administrador de bancos, o que o transforma, provavelmente, no mais feliz emblema do programa Novas Oportunidades. Infelizmente, aparece agora ligado a um caso de corrupção, no âmbito do qual se registaram conversas telefónicas que manteve com José Sócrates, e cujo conteúdo é ou gravíssimo, ou absolutamente inócuo.

Falta, evidentemente, o cão. Se Sócrates tem um cão, sugiro que o submeta a vigilância apertada. Parece óbvio que vai ser o bicho a protagonizar o próximo escândalo. Ninguém sabe se fez um desfalque nas latas de ração, se alçou a pata para uma árvore protegida, se foi visto a cheirar o rabo do cão do presidente. Mas alguma coisa terá feito. E a justiça há-de deixar no ar a ideia de que se trata de qualquer coisa grave, ideia à qual a comunicação social dará o eco devido. E, no final, o caso terá um desfecho terrivelmente inconclusivo.



Escândalos: vantagens e vantagens ainda maiores

Há mais de dez minutos que não vem a público um escândalo envolvendo o nome de José Sócrates. Que se passa com este país? O escândalo Face Oculta perdeu o encanto inicial, o escândalo Freeport deixou de produzir notícias, o escândalo das escutas ao presidente da República esmoreceu, o escândalo da Universidade Independente parece estar parado, o escândalo das casas projectadas na Guarda prometeu mais do que cumpriu, e confesso já ter esquecido o que estava em causa no escândalo Cova da Beira. Julgo falar em nome de todos quando digo que precisamos urgentemente de um novo escândalo.

José Sócrates, certamente, não se importa: o primeiro-ministro parece ter tomado uma vacina contra os escândalos. Não há suspeita de indecência escabrosa à qual ele seja vulnerável. Políticos menos resistentes já foram obrigados a demitir-se por causa de anedotas, de sisas que afinal tinham pago, de corninhos. O primeiro-ministro transita de escândalo em escândalo como Tarzan de liana em liana. Nenhum homem é uma ilha, diz o poeta, mas José Sócrates é um homem rodeado de escândalos por todos os lados.

Não há escândalo que consiga verdadeiramente furar a barreira de escândalos que o rodeia. Aparece um escândalo novo e a

opinião pública boceja: já vimos melhor. Surge uma suspeita inédita e o país encolhe os ombros: podia ser mais escandalosa. Estar envolvido num escândalo é grave; estar metido em vários é uma garantia de segurança. O povo conhece José Sócrates há já algum tempo e sabe que ele pode estar envolvido num escândalo, mas duvida que ele tenha a iniciativa, o desembaraço e a capacidade de trabalho para estar envolvido em tantos.

O problema da oposição é, justamente, de abundância: encontra-se perante os escândalos como o burro de Buridan frente ao feno. De todos os paradoxos filosóficos em que comparecem asnos, este é o meu preferido: o burro faminto tem diante de si dois montes de feno exactamente iguais. Não havendo uma razão para optar por um em vez de outro, é incapaz de escolher e morre de fome. No caso de Sócrates, os escândalos são os montes de feno e a oposição é o burro (há acasos felizes na vida de quem se entretém a compor símiles). A única diferença é que o burro morre sossegado, enquanto os dirigentes dos partidos da oposição definham aniquilando-se mutuamente. Mas ninguém espera que os militantes do PSD tenham o discernimento de um burro.



Isto precisa é de um referendo em cada esquina

Confesso que não sei se as pessoas nascem com essa característica ou se optam por adoptar o comportamento desviante que a Bíblia, aliás, condena — mas, na minha opinião, os canhotos não deveriam poder casar. Nem adoptar crianças. Um casal de pessoas, digamos, normais, acaricia a cabeça dos filhos como deve ser, da esquerda para a direita. Os canhotos acariciam da direita para a esquerda, o que pode ter efeitos perversos na estrutura emocional das crianças. Na verdade, sou contra a adopção por casais heterossexuais em geral, sejam ou não canhotos. Atenção: não tenho nada contra os heterossexuais. Tenho muitos amigos heterossexuais e eu próprio sou um. Mas não concordo que possam adoptar crianças. Em primeiro lugar, porque é contranatura. Quando olhamos para a natureza, não vemos casais de pardais ou de coelhos a adoptarem crias de outros. Pelo contrário, esforçam-se por colocar as suas crias fora do ninho ou da toca o mais rapidamente possível. Ou usam as suas próprias crias para produzir novas crias. Mas não adoptam. Provavelmente, porque sabem que é contranatura. Por outro lado, a adopção por casais heterossexuais pode condicionar a sexualidade das crianças. Todos os homossexuais que conheço são filhos de casais heterossexuais. A influência de heterossexuais

tem, por isso, aspectos nefastos que merecem estudo cuidadoso. Por fim, há a questão do estigma social. Suponhamos que uma criança adoptada por um casal heterossexual é convidada para ir a casa de um colega adoptado por um casal de homens. Como é que o miúdo que foi adoptado por heterossexuais se vai sentir quando perceber que a casa do colega está muito mais bem decorada do que a dele?

Quanto ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, mais do que ser a favor de um referendo, sou a favor de vários. Creio que o casamento entre pessoas do mesmo sexo deve ser referendado caso a caso. O Fernando e o Mário querem casar? Pois promova-se uma grande discussão nacional sobre o assunto. A RTP que produza um *Prós e Contras* com cidadãos de vários quadrantes que se posicionem contra e a favor da união do Fernando e do Mário. Organizem-se debates entre o Mário e os antigos namorados do Fernando, para que o povo português possa ter a certeza de que o Fernando está a fazer a escolha certa. E depois, então sim, que Portugal vá às urnas decidir democraticamente se concede ao Mário a mão do Fernando em casamento. E assim para todos os matrimónios. Se o objectivo é metermo-nos na vida dos outros, façamo-lo com o brio que essa nobre tarefa merece.

Defendo, portanto, uma abordagem especialmente cautelosa desta questão. Sou muito sensível ao argumento segundo o qual, se permitirmos o casamento entre pessoas do mesmo sexo, teremos de legalizar também as uniões dos polígamos. E sou sensível porque, como é evidente, não posso negar que me vou apercebendo da grande movimentação social de reivindicação do direito dos polígamos ao casamento. Parece que já temos entre nós vários muçulmanos, grandes apreciadores da poligamia. E eu não tenho homossexuais na família, nem entre os meus amigos, mas polígamos, muçulmanos ou não, conheço umas boas dezenas. Se toda esta massa poligâmica desata a querer casar, receio que os notários fiquem com as falanquetas em carne viva, de tanto redigirem

contratos de união civil. Mas, felizmente, confio que os polígamos sejam, também eles, sensíveis à mais elementar lógica: a poligamia é uma relação entre uma pessoa e várias outras de sexo diferente. A reivindicarem a legalização das suas uniões, fá-lo-iam a propósito do casamento entre pessoas de sexo diferente, com o qual têm mais afinidades. A menos que se trate de poligamia entre pessoas do mesmo sexo. Mas, segundo o presidente do Irão, parece que entre os muçulmanos não há disso.



Eu, o 'centerfold'

Veja o leitor o que pode acontecer a um cidadão incauto. A revista *Playboy* manifestou o desejo de me entrevistar. Como todas as pessoas que não têm nada para dizer, gosto muito de ser entrevistado. Por isso, aceitei. E devo ter dado uma entrevista de tal forma sensual que a *Playboy* resolveu colocar a fotografia do meu rosto apolíneo na capa. Sim, sim: na capa. No sítio em que costuma estar uma senhora nua, estou eu sozinho. Como sempre costuma acontecer, assim que eu entro as senhoras nuas desaparecem. Sou, portanto, a capa da revista *Playboy* deste mês. Quando me fui deitar, era um pacato pai de família; quando acordei, era a Miss Dezembro. Uma coisa é eu ser um humorista; outra é a minha vida ser ridícula. Deus sabe quanto me esforcei por separar as águas, mas tem sido quase sempre em vão.

Ignoro quantos leitores perdeu a *Playboy* com esta capa, mas posso garantir que perdeu um: eu não compro aquilo, de certeza. Por um lado, é óbvio que as fotografias foram submetidas ao tratamento do Photoshop e outras ferramentas de correcção de imagem: o meu nariz tem bastante mais celulite do que parece ali. Por outro, impressiona-me que este seja, até agora, o maior sinal de que o momento que vivemos é mesmo grave. A *Playboy*,

especialista na divulgação de mulheres nuas, publica, este mês, um homem (se isto é um homem) vestido. É bem verdade que a crise não é apenas financeira — é também uma crise de valores. Esta interrupção súbita e sem aviso da exploração do corpo feminino é, evidentemente, imoral. Eu sempre gostei de explorações. E gosto mais ainda do corpo feminino, um gosto que é exacerbado pelo pouco contacto que tenho com ele. Ver-me agora envolvido na suspensão das actividades exploratórias é uma mancha de que a minha biografia não precisava.

A *Playboy* justifica o despautério com o facto de me ter elegido homem do ano, uma ofensa que 2009, por muito mau que tenha sido, não merecia. Significa isto que, no espaço de um mês, fui distinguido pela ILGA e pela *Playboy*. O mundo homossexual e o mundo heterossexual deram as mãos e convergiram na necessidade urgente de me agradecer. Que se passa com o mundo? Homossexuais e heterossexuais têm tido, desde sempre, discordâncias, conflitos, tensões. Quando finalmente concordam, dá nisto. É bom que os apreciadores da paz e da concórdia façam uma reflexão profunda sobre as ideias que defendem. O que em teoria é bonito na prática pode ser grotesco.

Resta a curiosidade de saber como vai este número da *Playboy* trilhar o seu caminho. Que mecânicos irão buscar o martelo e os pregos para pendurarem a minha entrevista na parede das suas oficinas? Que adolescentes se entusiasmarão, no recato dos seus quartos, com as minhas opiniões sobre o sentido da vida? E, a mim, sobra-me o consolo amargo de, finalmente, poder dizer que já tive intimidades com uma capa da *Playboy*.



ÍNDICE ONOMÁSTICO

- ABREU, ANTÓNIO: 103
Albuquerque, Maria Luís: 381
Alegre, Manuel: 104, 138
Alexandre, Ricardo: 277, 294
Allen, Woody: 382
Almeida, Brites de: 109
Almeida, Fialho de: 155
Alves, Franquelim: 341-2
Amado, Luís: 150
Amaral, Ferreira do: 162
Amorim, Américo: 204, 242
Andersen, Hans Christian: 187
Anderson, Pamela: 119
Andrade, Carlos Drummond de: 266
Andrews, Julie: 134
Aristófanés: 179, 180
Armani, Giorgio: 322
Azevedo, Anthímio de: 375
- BACH, JOHANN SEBASTIAN: 98
Baptista, Jorge: 183
Barrera, Leonardo: 122
Barroso, José Manuel Durão: 54, 166,
369
Beatles: 106
Beckett, Samuel: 362
Beleza, Miguel: 126
- Belzebu: 156
Benavente, Ana: 147-8
Bento XVI, Papa: 73-5, 343
Bergman, Ingrid: 195
Berlusconi, Silvio: 185
Bibi: 342
Bin Laden, Ossama: 170,-1
Bloom, Harold: 88
Bocage, Manuel Maria Barbosa du:
174
Bogart, Humphrey: 195-6
Borges, António: 256, 306
Botto, António: 174, 345
Brahms, Johannes: 377
Branca, Dona: 342
Branco, Camilo Castelo: 155
Branco, José Mário: 49
Breivik, Anders Behring: 259
Brejnev, Léonid Ilitch: 63, 104
Bush, George W.: 34, 185, 282
- CAEIRO, ALBERTO: 264
Cage, John: 351
Camping, Harold: 137
Campos, Álvaro de: 222
Cardoso, Celestino Manuel da Silva:
188

- Carneiro, Francisco de Sá: 257, 360, 365, 375
 Carreira, Medina: 137
 Carroll, Lewis: 363
 Carvalho, Otelo Saraiva de: 167-70
 Castro, Carlos: 141
 Catroga, Eduardo: 119, 120, 173-4, 177, 238
 Cervantes, Miguel de: 109
 Chanel: 322
 Chaplin, Charlie: 100
 Churchill, Winston: 312
 Cinderela: 127
 Cintra, Lindley: 249
 Clímaco, Eládio: 108
 Close, Roberta: 83
 Coelho, Jorge: 162
 Coelho, Pedro Passos: 109-10, 184, 197-8, 206-7, 218, 246-7, 250-1, 275, 287, 295-7, 299-304, 318, 321, 322, 325-6, 331-2, 356, 360, 365, 373-4, 390-1
 Correia, Ângelo: 184, 310
 Costa, Oliveira e: 139, 327, 386
 Cousteau, Jacques: 272
 Crespo, Mário: 52
 Cristo, Jesus: 71, 75-6, 108, 135, 137, 203
 Cyrus, Miley: 81-2
- D. AFONSO HENRIQUES, REI: 73
 D. Carlos I, rei: 230, 272
 D. Duarte, rei: 44
 Deco: 86
 Depardieu, Gérard: 333-4
 Derrida, Jacques: 358
 D. Henrique, Infante: 240
 Disney, Walt: 121
 D. João II, rei: 240
 Domingo, Plácido: 85
 Duverger, Maurice: 327
- ÉDIPO: 228-9
 Estrepsíades: 179-80
- FEDERER, ROGER: 83
 Félix, Bagão: 310
- Figo, Luís: 67
 Filipe II, rei: 204
 Fonseca, Manuel da: 358
 Futre, Paulo: 240
- GALILEU: 74
 Gama, Vasco da: 129, 266
 Gandhi, Mahatma: 129, 150
 Gaspar, Vítor: 219, 249, 255-6, 300, 307, 312, 319, 343-4, 362-3, 375-6, 381
 Gates, Bill: 217
 Gato, Zé: 130
 Gedeão, António: 204
 Gil, José: 19
 Gipsy Kings: 99
 Govern, João: 265-6
 Godinho, Manuel: 55
 Gorki, Máximo: 377
 Grimaldi, Alberto Alexandre Luís: 188
 Grimaldi, Joseph: 188, 371
 Grimm, irmãos: 187
 Guedes, Manuela Moura: 181
 Guilherme, Teresa: 51, 228
 Gulliver: 74
 Guterres, António: 54, 302, 316
 Guttman, Béla: 108
- HAMLET: 107
 Hawking, Stephen: 388
 Heraclito: 334
 Hussein, Saddam: 35
- INOCÊNCIO II, PAPA: 73
 Isaacson, Walter: 269
- JARDIM, ALBERTO JOÃO: 185, 201-2, 210
 Jesus, Jorge: 75-6, 108
 Jobs, Steve: 216-7, 269
 Julieta: 92
- KANT, IMMANUEL: 151
 Karamba, professor: 222
 Kissinger, Henry: 15
 Kojak, Theo: 130
 Kooning, Willem de: 209
- LACÃO, JORGE: 147
 La Féria, Filipe: 321
 La Fontaine, Jean de: 304
 Lama, Dalai: 185
 Lapa, Rodrigues: 212
 Leite, Manuela Ferreira: 166, 310
 Lima, Duarte: 225, 327
 Lima, Fernando: 46-7
 Lopes, Ana Sá: 316
 Lopes, Francisco: 103-4, 135
 Lopes, Pedro Santana: 36, 54, 248-9, 271
 Louçã, Francisco: 248-9
 Loureiro, Dias: 327
 Lourenço, Eduardo: 88
 Lourenço, João: 259
- MACEDO, JOSÉ AGOSTINHO DE: 173
 Macedo, Miguel: 303
 Madaíl, Gilberto: 108
 Madoff, Bernard: 99
 Madreus: 114
 Maia, Carlos da: 245
 Maia, Maria Eduarda da: 245
 Mandela, Nelson: 185
 Manson, Charles: 98
 Mao Tse Tung: 269
 Megadeth: 84
 Melo, João Paulo Barbosa de: 233
 Mendes, Marques: 166
 Mendes, Pedro Rosa: 277, 288
 Merkel, Angela: 129, 185-6, 286, 317, 318, 320, 325, 340
 Meyer, Stephenie: 245
 Middleton, Kate: 170
 Milosevic, Slobodan: 35
 Miranda, Sá de: 351
 Moedas, Carlos: 335
 Monsieur Jourdain: 357
 Montana, Hannah: 81-2
 Monteiro, João César: 174
 Moreira, José Júlio: 323
 Morpheus: 216
 Moura, Paulo: 269-70
 Mourinho, José: 36, 108
- NANI: 86
 Napoleão: 258
 Neo: 216
 Neves, Fernando Santos: 294
 Neves, João César das: 344
 Névoa, Domingos: 71-2
 Nobre, Fernando: 104, 135, 165-6
 Nogueira, Rodrigo Sá: 280
- OBAMA, BARACK: 15-6, 128-9
 Oliveira, Maria José: 288, 294
- PAI NATAL: 134
 Palme, Olof: 312
 Pantagruel: 209
 Panurgo: 209-10
 Pereira, Álvaro Santos: 222-3, 256
 Pereira, José Pacheco: 38
 Pereira, Pedro Silva: 58
 Pereira, Ricardo Araújo: 360
 Perrault, Charles: 127, 187
 Pessoa, Fernando: 222, 264, 365
 Peter Pan: 188
 Pinho, Manuel: 222-3
 Pink Floyd: 193
 Pinochet, Augusto: 35
 Policarpo, D. José: 39-40
 Portas, Paulo: 105, 255, 301-2, 312, 332, 366-8, 382, 384-5, 390
 Preto, António: 55
- QUEIRÓS, CARLOS: 86, 108
 Queirós, Eça de: 244
- RABELAIS, FRANÇOIS: 209-10
 Rawls, John: 326
 Relvas, Miguel: 207-8, 255, 277,-8, 282, 288, 293-4, 302, 306, 313-4, 339-40, 349, 373
 Rodrigues, Amália: 114
 Rodrigues, Carmona: 126
 Romeu: 92
 Ronaldo, Cristiano: 36, 87, 183, 220-1
 Roosevelt, F.D.: 312
 Rosas, Fernando: 248-9

Rousseau, Jean-Jacques: 272
 Ruas, Fernando: 191

SADE, MARQUÊS de: 212
 Saint-Exupéry, Antoine de: 352
 Salazar, António de Oliveira: 167, 248-9, 259-60
 Sampaio, Jorge: 103
 Santana, Vasco: 271
 Santos, Alexandre Soares dos: 151
 Santos, José Manuel dos: 358
 Santos, Nicolau: 338
 Santos, Rui: 184
 São Mateus: 203
 Saraiva, José António: 175
 Saramago, José: 88, 347
 Scolari, Luiz Felipe: 87
 Seabra, Zita: 165
 Seguro, António José: 252-3, 302, 312, 373
 Shakespeare, William: 92, 98, 140
 Silva, Aníbal Cavaco: 17, 41-2, 46-7, 52, 53, 55, 73, 88-9, 91, 103, 117-8, 128, 138-9, 162, 185, 190, 236-7, 242-3, 257-8, 262, 271-2, 297, 310, 315-6, 327, 330, 347-8, 351-2, 363, 365, 382, 386-8, 391
 Silva, Artur Baptista da: 342
 Silva, Carvalho da: 157
 Silva, Vicente Jorge: 156
 Smith, Charles: 25, 67
 Soares, Mário: 197
 Soares, Rui Pedro: 67
 Sócrates: 92, 93

Sócrates, José: 21, 25-8, 36, 52-5, 66-7, 92-3, 99, 109-10, 128, 147-8, 150-2, 161, 173-4, 179-82, 184-5, 202, 207, 218, 248-9, 257-8, 267, 278, 299, 302, 340, 355-8, 363, 373, 390-1
 Sousa, Jerónimo de: 126, 203
 Sousa, Marcelo Rebelo de: 117-8
 Stang, Fabian: 259
 Stevenson, Robert Louis: 126
 Stewart, Miley: 81-2
 Super-Homem: 369-70

TAVARES, MIGUEL SOUSA: 371-2
 Teixeira dos Santos, Fernando: 116, 119-20, 123-4, 161
 Tiririca: 111-2
 Trinity: 216

VARA, ARMANDO: 21, 25, 67, 153-4
 Verne, Júlio: 105
 Viegas, Francisco José: 345
 Villas-Boas, André: 256

WELLINGTON, DUQUE DE: 258
 Whistler, James McNeill: 377
 William, príncipe: 170
 Winehouse, Amy: 193

ZAGORAKIS, THEODOROS: 286
 Zeno: 223
 Zeus: 162
 Zuckerberg, Mark: 217

NOVISSIMAS CRÓNICAS DA BOCA DO INFERNO

FOI COMPOSTO EM CARACTERES HOEFLER TEXT
 E IMPRESSO PELA GUIDE, ARTES GRÁFICAS,
 SOBRE PAPEL CORAL BOOK DE 90 G, NUMA
 TIRAGEM DE 25000 EXEMPLARES,
 EM SETEMBRO DE 2013.

